

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

Kreuzkölln

O que é isso? Um atelier, um bar, uma boutique, um restaurante, um clube, um café, um salão de beleza? Estas perguntas pairam no ar quando se caminha pelos arredores de um novo *quartier* em Berlim que está se formando no bairro de Neukölln. Em uma área batizada de Kreuzkölln devido à localização de fronteira entre os bairros de Kreuzberg e Neukölln, tudo está em movimento. Atualmente é muito comum ouvir nas ruas, além dos habituais turco, árabe e polonês, idiomas como inglês, francês e até mesmo português.

Neukölln, na verdade, é um bairro enorme no Sul de Berlim. A região concentra um dos maiores índices de imigrantes provenientes de mais de 160 nacionalidades. São 307 mil pessoas habitando cinco regiões: as áreas periféricas de Britz, Buckow, Rudow e Gropiusstadt e a Neukölln propriamente dita, a parte mais central e a mais populosa com 154 mil habitantes.

Sem dúvida, a melhor fatia de Neukölln está focada neste pequeno *quartier* de poucas ruas. Novos locais abrem a cada dia: de um cabeleireiro de três irmãos ingleses na Weiserstrasse ao atelier do *designer* brasileiro Mario Brandão, que em breve estará expondo suas peças de cerâmica na Friedelstrasse. Esta rua ganhou apelido de "Ausgehmeile" pela alta concentração de bares por metro quadrado. Para se ter ideia, o bar Freies Neukölln, após matéria no "New York Times", está reclamando do excesso de clientes. Um dos mais badalados da área, o Pigalle Bar funciona com porta fechada e segurança selecionando a clientela. Kreuzkölln é uma "ilha" privilegiada numa região caracterizada por problemas sociais.

Além de locais com tradição como o bar-palco-cineclube Kinski e.V, existem lugares obscuros, em que você não consegue identificar a proposta. O que significa uma bicicleta pendurada em uma janela de andar térreo de frente para a rua ou uma loja vazia há meses com um papel escrito *bald* (breve) na vitrine? A impressão é de um bairro que não está pronto. E é justamente esta sensação de um lugar onde ainda é possível criar novas coisas que vem atraindo profissionais ligados à arte e à cultura. Apartamentos e lojas são cobijados pela juventude e pela classe criativa que fazem fila para morar e trabalhar ali.

Teve quem descobriu a mina antes da especulação imobiliária. A dupla de artistas Elmgreen & Dragset mora em Berlim desde 1997. Em 2006, eles apostaram na compra de uma antiga estação de tratamento de água que estava vazia há 13 anos e transformaram o espaço em residência e galeria de arte. A obra durou pouco mais de um ano. O projeto é dos arquitetos berlinenses Wenk & Wiese.

Não muito longe, reside o diretor de cinema brasileiro Karim Aïnouz, que se divide entre Berlim e São Paulo. Num passeio de uma hora pelo bairro, Karim lembrou de um salão de beleza da década de 1950 que virou oficina de bicicletas, depois galeria e agora ninguém sabe o que é. "Não é um mistério?", pergunta ele.

Karim também gosta do bairro pela mistura de culturas. "Debaixo lá de casa, tem um centro cultural afegão, à esquerda tem um restaurante da Somália. Tem comida de

todo lugar do mundo feita pelas pessoas destes lugares."

Em um trecho da famosa Sonnenallee, conhecido por "Faixa de Gaza" ou "Pequena Beirute", o comércio tem letreiros em árabe e em muitos locais veem-se bandeiras da Palestina e objetos típicos decorando o ambiente. Muitos cafés, quase um atrás do outro, são frequentados apenas por homens que vão lá jogar cartas e fumar narguilé.

Este cenário chamou a atenção do cineasta e virou filme. "Sonnenallee" ou "Alameda do Sol" conta a história de um palestino que vive em um lugar que não se sabe mais se é um país árabe ou europeu. O ensaio sobre esta rua fala também do último fugitivo morto, pouco antes da Queda do Muro, na tentativa de atravessar os únicos 40 metros da Sonnenallee do lado comunista. Esse posto de fronteira, com acesso relativamente tranquilo, dava a impressão

de uma vigilância menos rígida.

Neste filme, com o qual Karim Aïnouz está participando da recém-inaugurada Bienal de Sharjar, o diretor aborda a questão da utopia através de cenas urbanas. "A Alameda do Sol pode ser um lugar meio utópico, que você imagina que seja ideal para se viver. Um lugar onde

de pessoas que vieram da Palestina fixaram residência e abriram negócios. Um pouco a pátria fora de casa e ao mesmo tempo uma rua que tem história", contou Karim.

Outra célebre residente de Neukölln foi Olga Benário Prestes. Ela morou com o primeiro marido, Otto Braun, na Innstrasse 24, onde foram presos. Logo libertada, participou de uma ação extraordinária que resgatou Braun da prisão de Moabit. Eles fugiram para Moscou. De lá, Olga partiu com Luiz Carlos Prestes para o Rio de Janeiro, em 1935. O casal de revolucionários foi preso no Brasil. Olga, grávida, foi entregue por Getúlio Vargas à Gestapo. Na prisão em Berlim, deu à luz Anita Prestes e morreu em um campo de concentração, em 1942. Em comemoração aos seus 100 anos, em 2008, Anita Prestes esteve em Neukölln para inaugurar a "pedra do tropeço" (uma pedra dourada cravada no chão em frente aos locais onde viveram vítimas do nazismo) e um centro antifascista em homenagem à mãe, a Galeria Olga Benário.

Um clássico é o mercado de rua à beira do canal, em Maybachufer. É lá que duas vezes por semana, o povo de Kreuzberg e Neukölln se reúne. Também chamada de mercado turco, a feira é a segunda maior ao ar livre em Berlim. São 150 barracas ao longo do Rio Spree vendendo diversos tipos de frutas (frescas e secas), vegetais, temperos, comida típica, carnes, roupas, pães e tecidos. Tudo a precinho camarada.

Kreuzkölln é
uma "ilha"
privilegiada
numa região
caracterizada
por problemas
sociais

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso
	Cristina Ruiz, de Berlim		Eduardo Levy, de Los Angeles			